



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**A CRISE DO CORONAVÍRUS EVIDENCIADA ATRAVÉS DO  
DESESPERO DA RELAÇÃO COM O OUTRO: uma análise  
fenomenológica**

**THE CORONAVIRUS CRISIS EVIDENCED THROUGH THE  
DESPAIR OF THE RELATIONSHIP WITH THE OTHER: a  
phenomenological analysis**

**LA KRONUSO DE KORONAVIRUS EVIDIS TRA LA DESPERO  
DE LA RILATO KUN LA ALIA: fenomenologia analizo**

Piero Disconzi<sup>5</sup>Cristóvan Vedovotto Lima<sup>6</sup>

**Resumo**

A sociedade como um todo está isolada devido ao avanço da Covid-19 e, neste processo, não somente nos isolamos fisicamente do outro, mas também o sentir afetivo deste entra em crise. Com isso, diante de uma pandemia que ceifa inúmeras vidas diariamente, esse afeto do me afetar perante o outro entra em crise e, em sua maior doação, o desespero vem à tona. Desespero esse que apresenta-se a nós como a potência mais elevada de um sofrer inerente ao humano. Com isso, partimos da análise do célebre filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, que aborda o desespero como a doença de si, de perder-se no ato de se desesperar. Ainda, utilizamos análises contemporâneas de Michel Henry a partir da corporeidade, em que há um ego dotado de subjetividade absoluta, o que nos é relevante frente à problemática sanitária da Covid-19 em todo o mundo, ainda que nosso artigo tenha como enfoque o território brasileiro e suas mais de quinhentas mil vidas ceifadas. Portanto, visamos, de modo sucinto, analisar através desses dois pensadores a crise do Coronavírus evidenciada através do desespero, ou seja, via análise fenomenológica pretendemos examinar o desespero em relação à fatalidade que nos cerca: o constante aumento de vítimas e os inúmeros sofreres que nos são apresentados.

**Palavras-chave:** Afeto. Corpo. Fenomenologia. Isolamento.

**Abstract**

<sup>5</sup> Graduando do curso de Filosofia (Bacharelado) na Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7301-0304>. E-mail: pierodisconzi1@gmail.com

<sup>6</sup> Graduando do curso de Filosofia (Licenciatura plena) na Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2097-2870>. E-mail: cristovanfilo@gmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Society as a whole is isolated due to the advance of Covid-19 and, in this process, we not only isolate ourselves physically from the other, but also the affective feeling of the other enters into crisis. With this, in the face of a pandemic that claims countless lives every day, this affective self in the face of the other goes into crisis and, in its greatest gift, despair comes to the surface. This despair presents itself to us as the highest potency of a suffering that is inherent to the human being. With this, we start from the analysis of the famous Danish philosopher Søren Kierkegaard, who approaches despair as the disease of the self, of losing oneself in the act of despairing. In addition, we use contemporary analysis by Michel Henry based on corporeality, in which there is an ego endowed with absolute subjectivity, which is relevant to the health problem of Covid-19 worldwide, even though our article focuses on Brazil and its more than five hundred thousand lives taken. Therefore, we aim, in a succinct way, to analyze through these two thinkers the Coronavirus crisis evidenced through despair, that is, through phenomenological analysis we intend to examine despair in relation to the fatality that surrounds us: the constant increase of victims and the innumerable sufferings that are presented to us.

**Keywords:** Affection. Body. Isolation. Phenomenology.

### Resumo

Nuntempe la socio entute estas izolita. En ĉi tiu procezo, ni ne simple izolas nin de la alia fizike, sed kiel ni povas senti nin afektive. Kun la pandemio, kiu postulas sennombrajn vivojn ĉiutage, ĉi tiu amo, pro tio, ke mi tuŝas min antaŭ la alia, eniras en krizon kaj en sia plej granda donaco, malespero. Ni komencas de la analizo de la fama dana filozofo Søren Kierkegaard, kiu alproksimiĝas al malespero kiel la malsano de si mem, perdiĝi en la ago de malespero. Ankaŭ ni komencas de nuntempaj analizoj de Michel Henry el la perspektivo de korpeco. Ni celas, per konciza maniero, analizi per ĉi tiuj du pensuloj la koronavirusan krizon evidentigitan per malespero, do per fenomenologia analizo, ni intencas ekzameni la malesperon rilate al la fatalo, kiu ĉirkaŭas nin, la konstantan kreskon de viktimoj.

**Ŝlosilvortoj:** Amo. Korpo. Fenomenologio. Izolo.

### Considerações Iniciais

Desde os primeiros relatos sobre o avanço pandêmico da Covid-19 no mundo, um fator permaneceu quase inalterado. Através das vias midiáticas, nós, a população em geral, recebemos diariamente números, os quais intencionam a quantidade de infectados, de curados e das milhares vidas ceifadas. Todos esses dados nos são apresentados de maneira objetiva, apenas dados enquanto tal. Contudo, como podemos perceber, cada dado representa uma vida que estava ou que está sofrendo ou, no pior dos casos, uma vida que teve o fim do sofrer e, conseqüentemente, de sua existência. Diante



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dessa reflexão, como podemos compreender o real peso desses números? Como compreender essas vias do sofrer, sendo que recebemos apenas dados?

Tendo em vista tal problemática, este artigo tem por objetivo analisar o sofrer enquanto sofrer, o sofrer-se de si, ou seja, o sofrimento através da redução fenomenológica-transcendental<sup>7</sup>, bem como analisá-lo por meio da sua relação do eu com o outro, relação essa que é evidenciada pela intersubjetividade. Desde já, salientamos que as pesquisas de Michel Henry nos são pertinentes, intencionadas para o cenário pandêmico e suas consequências e, além disso, às problemáticas para a relação intersubjetiva.

Nesse sentido, em relação às consequências do nosso isolamento social, o sofrer ganha destaque, um sofrer de si, enquanto sofredor de sua impotência em relação a si mesmo e a outrem. Esse sofrer em sua doação mais intensa – o desespero, o perder-se em si – foi descrito de maneira inigualável por Kierkegaard, que o dividiu em três diferentes estruturas, as quais estão conectadas em nível crescente, sendo elas: o desesperar-se diante da impossibilidade de negar-se; dá impossibilidade do eu se alterar; e, por último, o desespero enquanto reconhecimento deste sofrer. Essas estruturas são pertinentes no cenário atual pandêmico e serão uma das bases deste artigo. Dessa forma, visamos abordar, através dessa perspectiva, como podemos, de alguma forma, ‘curar’, ou entender melhor o outro, indagando-nos sobre: como um sofrer e desespero alheio é possível de ser analisado pelo Eu? Como, eu que me isolo, deparo-me constantemente com informações midiáticas de inúmeros sofreres? Como não me abalar perante o sofrer do outro? Como podemos não nos desesperar perante essa e inúmeras outras questões? O sofrer é possível de ser analisado em sua doação mais originária?

Influenciado pela filosofia de Kierkegaard, Michel Henry – célebre filósofo francês – também abordou o sofrimento. De acordo com seus estudos, nosso sofrer, isto é, o sofrer de si para si, é compreensível se e somente se for analisado em conjunto com o corpo, ou no termo do filósofo, a carne. Segundo ele, ego e corpo não são duas regiões ontológicas distintas, mas sim duas vias diferentes, entretanto, de uma mesma e única

---

<sup>7</sup> Entende-se tal conceito como a suspensão de todas as crenças no mundo natural, a fim de deixá-las em fenômeno de validade para refletir sobre elas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

região ontológica: a da pura subjetividade. Ou seja, nosso corpo é ego e, por isso, os estudos e escritos de Henry são inovadores em comparação aos de Kierkegaard, pelo fato de não haver uma dualidade. Além disso, ao compreender o corpo, uma de suas doações mais fundamentais é justamente o sofrer, um sofrer de uma carne patética voltada a si e entendida por si.

Para tanto, relacionando essas duas implicações com a crise do Coronavírus evidenciada através do desespero da relação com o outro, a implicação fenomenológica-existencial do desespero em Kierkegaard e a implicação corpórea deste sofrer através de Michel Henry são centrais nesta análise. Assim, ambas implicações do desespero são relacionáveis ao analisar a relação do Eu com o outro através da intersubjetividade. Nessa perspectiva, Henry nos é de grande valia nesta análise pois, através de sua filosofia da carne, isto é, o corpo enquanto pura subjetividade, o sofrer apresenta-se diretamente a nós, de maneira originária. Sua filosofia conecta-se com nossa pesquisa em Kierkegaard, causando uma grande reflexão nesse cenário pandêmico e um marco inicial para o possível entendimento das problemáticas acima descritas.

### **Das problemáticas acerca dos efeitos da Covid-19: a crise dos egos**

Em um primeiro momento, vale ressaltar que geralmente cada vida ceifada no decorrer dessa crise sanitária é quase sempre tratada de maneira objetiva, apenas como um número ao invés de ser tratada como um ego dotado de uma transcendentalidade. Ligando a Descartes (1983) todas as emoções, paixões e sentimentos que constituíam cada vida ceifada, tem-se uma representação de como se tais vidas não fossem dotadas de afecções, pois o corpo, enquanto pertencente a esfera transcendental, é tratado como algo puramente objetivo (*res extensa*). E, com isso, o espaço para essas emoções, paixões e sentimentos estariam na alma (*res cogitans*).

A vida, quando se está imersa na atitude natural, é analisada através de um pensar quase que analítico, em que temos metas e objetivos para cumprir antes que nossa existência deixe de ser. Contudo, através da redução fenomenológica, a vida prova-se a si mesma na impressão mais primitiva. Essa vida habita cada uma das modalidades da nossa existência, desde a mais simples dor até o mais elevado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sofrimento, o desespero. A vida é uma autorrevelação, a vida é em si, ela se revela a si mesma, ou seja, a vida não é um processo cego ou inconsciente. Nesse viés, cada vida perdida era dotada de emoções, paixões e sentimentos.

Considerando uma dor, por exemplo, no corpo objetivo, como fez Descartes (1983) para espantar esse **falso juízo**, pratica-se a *epoché*, através do ato de neutralização, suspensão, em que retém-se a mais pura dor, o doloroso enquanto tal – o próprio sofrer que a constitui. O sofrimento na sua impressão mais primitiva se revela a si mesmo, ou seja, somente o sofrimento permite saber o que é o sofrimento. E o revelado nesta revelação é o próprio sofrer. Assim, a vida e o sofrimento possuem a mesma estrutura: a estrutura da autorrevelação, a qual conecta a vida e o sofrimento, segundo Michel Henry. Existem, desse modo, uma vida pura e um sofrer puro, e esse puro sofrer está presente em cada ego que é reconhecido através de outro ego, ou seja, uma intersubjetividade que se percebe através desse puro: o puro sentir, o sentir enquanto tal. Posto isso, através dos pontos mencionados acima, relacionando-os com o cenário atual brasileiro – um cenário pandêmico, de isolamento constante –, abre-se o seguinte questionamento: qual impacto é evidenciado através da vida/do sofrer em relação à Covid-19?

Com a perda de cada ego, o sofrimento imerso na atitude natural foi generalizado. O sofrimento de cada Si estava ausente do “fora-de-si”, ou seja, o mundo estava dado como mero agir de processos objetivos, descritos através do **agir natural**, em que não há uma distância que revele o sofrer na percepção de outros egos, deixando a esfera natural e o seu viés fatalista. Com isso, o sofrer permanece grudado a si e há somente uma ausência de distância interior ao sofrimento e, através das palavras de gênio de Henry, notamos que as vidas foram impossibilitadas de dirigir o olhar perante o sofrimento, visto que sua dor e sofrimento ficaram ocultos. Logo, o sofrimento é invisível como a vida, a qual apenas sentimos, e esse fruir que presenciamos a todo instante é, contudo, impossível de ser visto, um *pathos*.

Mas a existência não é apenas o sofrimento, há felicidade, emoções, paixões, prazeres e desejos que constituem cada ego. Desse modo, cada ego perdido constituinte deste puro sofrer tinha planos para o futuro, desejos e paixões pertencentes a uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tonalidade positiva, tonalidade positiva essa que, além do puro sofrer, constitui cada ego. E, de um modo imprevisível, essa mesma tonalidade torna-se negativa. Então, como é possível analisar esse devir? Quais são as implicações fenomenológicas que aparecem ao nos debruçarmos sobre este tema?

### **Do desesperar-se de si**

Ao discutirmos sobre a vida, a vida que se revela em sua imanência autêntica, i.e., a vida que é autorrevelação, uma das problemáticas citadas, sobretudo no cenário pandêmico no qual estamos vivenciando, é o sofrimento. Sua relação com a vida é quase idêntica, pois ambos se revelam de maneira similar. Já no sofrimento enquanto tal, reduzido através da *epoché*, o sofrer enquanto sofrer-se de si é inaugurado e colocado como tema central na obra de Kierkegaard: “O Desespero Humano (Doença até a morte)” (1974).

A partir de seu discurso, analisando a posição cristã ante o sofrer do decorrer da vida, o filósofo dinamarquês relaciona a vida, aquela vida que citamos, com uma inquietação. Tal inquietação é marcadora de nossa realidade pessoal e imanente, ou seja, vida, a vida que se autorrevela é, enquanto tal, inquietação. Podemos, agora no ato de refletir, questionar-nos perante o que a vida, a vida fenomenológica, se inquieta? Qual o objeto que temos de desvendar no viver?

Ainda, outra observação que nos é relevante nessa obra é o significado inicial que o autor destaca como desespero, que para ele constitui-se no sofrer elevado em sua mais alta potência. Segundo ele, isso é uma doença e não o remédio. Desse modo, esse desesperar-se consigo não apresenta um remédio propriamente fácil de se aceitar e, segundo o autor, o remédio é precisamente morrer, morrer para o mundo.

Em um pensar na atitude natural, podemos intitular nossos sofreres mundanos, tais como: desgostos, misérias, aflições, torturas do corpo ou da alma. Assim, para o cogito que está a raciocinar seus pesares, a morte não é uma doença mortal, não é algo a ser temido e evitado a todo custo. A morte é o remédio para o verdadeiro problema que cerca a humanidade – o desespero – que, enquanto tal, apresenta a morte como seu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

remédio, cura de um perder, de um perder-se de si. Ao relacionar essa séria problemática, descrita de forma brilhante por Kierkegaard, com a Covid-19 e as suas inúmeras vidas ceifadas no território brasileiro, o desespero torna-se relevante para nossos questionamentos. Pois, para aquele que sofre com este vírus e está a sofrer-se diante de si e de sua impotência para tal enfermidade, por exemplo, o remédio descrito acima torna-se aceitável? A morte, a saída do mundo, é realmente uma maneira de afastar o desespero de quem está diante de si e do sofrer-se de si?

### **Das faces do desespero**

Partimos, então, da redução fenomenológica. Søren Kierkegaard, ao definir já no início da obra “Doença até a morte” (1974) que tal sentir é resultado de uma síntese de dois termos, evidencia que ambos estão em desequilíbrio. E, em específico, a síntese que interessa Kierkegaard (em que o autor logo estabelece uma redução) é a dos termos finito e infinito<sup>8</sup>. Se bem elaborada, resultará no espírito, em outras palavras, em um Eu – que se destaca das multidões, pois é um indivíduo singular, ciente dos termos (finito e infinito) e, em suma, ciente de sua existência. Contudo, escreve ele, que nem toda síntese resultará em equilíbrio, em um Eu-singular-indivíduo. Então, em que consiste o eu? Kierkegaard responde que o eu se define por sua relação, em que tal relação dar-se-á consigo próprio, o eu enquanto tal, consistindo no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. Ou seja, o eu não se constitui desta relação em si, mas no ato do voltar-se sobre si próprio desta relação, sobre o conhecimento que ele adquire de si mesmo depois que é estabelecido. Tal é o processo que constitui o eu: um voltar-se. E, das relações desarmoniosas é que surge o desespero.

Resumidamente, o desespero se dá a nós através de três modos distintos, mas interligados. No primeiro, o eu ignora a tarefa desta síntese, ou seja, a tarefa de desenvolver-se não apenas como outro, mas como um Eu, um indivíduo singular. Ainda, neste primeiro modo o desesperado não tem suspeita de estar infectado com esta doença mortal. O filósofo dinamarquês escreve que “só conhece as categorias dos sentidos, o

---

<sup>8</sup> Podemos notar, desde já, que em Kierkegaard o humano tende ao desequilíbrio, pois é finito, mas deseja o infinito.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

agradável e o desagradável, e manda passear o espírito”. Semelhante vivência apresenta-se no estágio estético, o das sensações corpóreas e materiais, deixando a esfera do incorpóreo e imaterial de lado, por exemplo. Neste sofrer, questões existenciais não estão presentes e isso gera o sofrer, em que é necessário, ao menos, nos debruçarmos em algum momento sobre essas questões primeiras, mesmo que suas respostas não se apresentem a nós. Àquele que está em isolamento, podemos nos questionar aqui que o senso comum poder-se-á julgar como tendo o momento ideal de refletir de si para si e, ao fazer isso, perde-se no devaneio de si. Nesse caso, como vimos, é um momento oportuno para nos desesperarmos, pois estamos isolados e com nossos questionamentos voltados para si. Dentre eles, destacam-se questionamentos sobre nosso papel, nosso papel em isolar-se, do Eu enquanto responsável de si e da segurança dos demais. Logo, este Eu, voltado para si, em isolamento, tem uma grande facilidade de se desesperar através desta primeira definição.

Em conjunto, além desse ser puramente voltado ao que é presente através dos sentidos, imerso na materialidade do mundo, o segundo modo do desespero se apresenta a nós. Nele, o indivíduo já percebe alguma esfera de instabilidade em seu espírito<sup>9</sup>, mas não toma adiante o passo de investigar essa aflição, isto é, as questões que não lhe aparecem no decorrer de sua vida voltada ao materialismo. Recuando dessa tarefa, o indivíduo prefere diluir-se na mundanidade das multidões, não desejando ser um Eu, mas sim apenas um outro como os demais. Esse é o desespero de não buscar o Eu, de ignorá-lo. Há a possibilidade de se permitir adentrar em questões primeiras, mas o Ego não efetua o salto. Fato esse que, quando percebido, revela o desespero, um desesperar-se de si para si, da impossibilidade de adulterar-se. Ainda, com o isolamento estamos reavaliando constantemente nossos atos, e alguns desses podemos com alguma reflexão deixar de lado, mas excluir, como um piscar de olhos, nos é impossível. Este conhecimento é, desse modo, desesperador, ainda que essencial, visto que o temos como ‘descoberto’.

---

<sup>9</sup> Vale destacar a definição de espírito em Kierkegaard, para ele “O homem é espírito. Mas o que é o espírito: É o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa alheia a si, mas consigo própria” (1974, p. 195). Ou seja, o eu (o espírito) se dá na relação de síntese de infinito com finito, temporal e atemporal, etc.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ademais, no terceiro e último modo, o indivíduo tem pleno conhecimento da doença, tem ciência de sua individualidade, de sua possibilidade de ser um Eu distinto das multidões, ou seja, tem o anseio de definir-se, de ser um indivíduo singular, de se dedicar ao trabalho de entender questões primeiras, em que seu salto é falho. Mas, ainda assim, o indivíduo não obtém sucesso em sua empreitada. Ele tenta ao máximo buscar sua definição de indivíduo, eliminar essa doença mortal. E, ao falhar, acaba por desesperar-se ainda mais, pois a relação de síntese, só pode este estabelecer de modo desequilibrado, de modo a gerar ainda mais desespero. Desse modo, o indivíduo falha em ser singular, falha ao mudar seu Eu, ao defini-lo.

Assim, o indivíduo vive na mundanidade e sabe que pode ir além da possibilidade de pesquisar o desconhecido e, principalmente, a si mesmo, mas falha. Ou seja, através do ato de isolar-se, a grande maioria da população volta-se para si em algum momento, para questionar seus comportamentos, questionar a si mesmo, a sua fragilidade e impotência perante a Covid-19. Contudo, o desespero nos é de grande seriedade. É um sentimento de extremo pesar em relação ao outro, ainda que seja mais preocupante em nós, no ato de sofrer-se.

Através dessa descrição já reduzida do desespero e de suas distintas modalidades, é possível estabelecer uma possibilidade de positividade em estar desesperado? Para o indivíduo acamado e isolado de seus familiares e dos demais, imerso em si, desesperado de sua situação de enfermo, de desconhecer se sua enfermidade é ou não temporária; aquele também, que percebe sua fragilidade perante um inimigo invisível ao olhar, que ceifa inúmeros egos, e se desespera... há alguma forma deste desespero nos ser, de algum modo, positivo?

### **Da positividade do desespero**

Podemos, ao analisar as três modalidades do desespero como fenômenos relevantes para a fenomenologia, efetuar a redução fenomenológica e analisar o desespero através de si, isto é, nos termos da própria fenomenologia: a sua doação enquanto tal, bem como a sua experiência, que se revela no ato de desesperar-se e uma possível positividade em estar desesperado.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para nós, Kierkegaard escreve sua obra justamente nos revelando um lado positivo em nos desesperarmos, em que através do desespero podemos participar conjuntamente da construção do espírito ou, em outras palavras: enquanto nos perdemos em nosso sofrer, podemos também nos descobrir. Podemos nos definir como indivíduos singulares, um Eu.

Tal obra, desse modo, nos oferece o conhecimento de que estamos em um devir, em que o Eu não é estático e que nos períodos de crise há a possibilidade de nos definirmos e identificarmos, ou seja, de nos compreendermos; e, com isso, podemos entender o outro como um ser que também se desespera; podemos aplicar a empatia através da alteridade, tendo como experiência para isso o nosso próprio sofrer. Além disso, podemos até destacar que o desespero – esse sofrer que nos aflige – é uma das características essenciais ao ser humano, pois nos é inerente e nos define, visto que acompanha o desenvolvimento do Eu enquanto indivíduo singular, algo que, segundo Søren, devemos nos empenhar, conscientemente ou não<sup>10</sup>.

### **Da estrutura do corpo**

Poderíamos pensar, através da fenomenologia e de sua redução transcendental, as problemáticas concernentes ao corpo. Dentre elas, a própria questão do objeto como tema de pesquisa é relevante, pois dentre esses objetos o corpo ganha destaque. Com isso, Michel Henry, ao abordar a corporeidade em sua obra “Filosofia e Fenomenologia do Corpo: Ensaio sobre a ontologia biraniana” (2012, p. 10), destaca:

Pois é de maneira puramente abstrata que poderíamos caracterizar o homem pela consciência, ou pela subjetividade, se houvesse, entre estas e o corpo, uma relação dialética tal que a determinação da subjetividade só fosse compreensível na e pela relação com o corpo [...] Esta, à medida que relaciona espírito e corpo, é a mais “dialética” de todas as questões, é precisamente um paradoxo que podemos

---

<sup>10</sup> Tendo ciência ou não da revelação individual a cada ego, que o homem é espírito. De outro modo, o desespero remete-se à subjetividade do homem, sua interioridade, em sua existência subjetiva; o desespero é a medida divisória do humano com os outros animais, visto que, esses últimos não têm a capacidade de desesperar-se. Isto é, o privilégio descrito por Kierkegaard é o espírito inerente ao homem. O espírito guia a existência, sendo ela, capaz de desespero por esse fato, de descobrir-se.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

considerar, com Kierkegaard, fundamental, pois desempenha realmente o papel de fundamento.

Ainda, em conjunto com a pesquisa de Kierkegaard, Henry elabora seu questionamento sobre a estrutura dialética que nos define: o ser humano enquanto tal. A partir de opostos, nós nos definimos e nesta definição nos surge o *pathos*, aquilo que para Henry nos é a chave para entender o humano e a nós mesmos enquanto indivíduos encarnados<sup>11</sup>. Essa característica se apresenta através de inúmeras maneiras – da compaixão, das dores –, mas em específico para o nosso tema, o sofrer ganha relevância, o sofrer enquanto tal, a partir da esfera da imanência subjetiva.

Ademais, Descartes, ao formular sua célebre frase “penso, logo existo”, estava a qualificar quais possibilidades temos para definir a existência de qualquer objeto mas, a partir de suas investigações (meditações), só obteve plena certeza em estabelecer a existência do ego enquanto coisa pensante, já a sua existência física enquanto corpo, encarnação, nas palavras de Henry, o que fica em aberto para futuras análises e é um dos temas incompletos das análises cartesianas. Em evidência disso, o humano não se apresenta como resultado da dialética de corpo e ego? Como podemos entender o corpo? Através das suas sensações ou sentimentos?

Para nos empenharmos ao analisar tais questões, a filosofia elaborada por Michel Henry nos é de grande ajuda, sendo o nosso pilar. Assim, através das problemáticas do corpo e do ego, enquanto distanciados (como na dogmática doutrina cartesiana), corpo e ego são duas coisas diferentes, conflitantes em um primeiro olhar, um dotado de plena subjetividade, capaz de realizar a redução transcendental e iniciar investigações de cunho filosófico e, o outro, dotado apenas de uma extrema objetividade, conotado por Descartes como uma máquina, incapaz de voltar-se a si mesmo em suas operações vitais para seu sustento. Ego, nessa perspectiva, apresenta-se como doador de existência e doador da estrutura desta existência, já o corpo é dotado de pulsões e sensações que são conflitantes com o ego. Logo, nesse viés o corpo é deixado

---

<sup>11</sup> Henry, ao escrever sobre a encarnação, não aborda seu significado através de uma temática religiosa, para ele a encarnação é o ser encarnado em uma carne, um corpo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de lado e é apenas uma ‘máquina’ em que o ego repousa. Assim, Michel Henry (2012, p. 12) ressalta que

Enquanto uma pesquisa se move exclusivamente no interior da esfera da subjetividade, ela não encontra nada que possa se chamar de corpo, muito menos nosso corpo. É só quando se sai dessa esfera originária, quando se efetua uma “passagem” para alguma coisa que se situa fora dela, é que tal encontro com um “corpo” se torna possível.

A partir de tais noções, nos distanciamos da compreensão de corpo de Descartes, pois para ele corpo é uma extensão objetiva. Para nós, o corpo, o nosso corpo, é um corpo vivo, dotado de sensações e desejos, o que distancia-se totalmente da teoria cartesiana. Nessa perspectiva, o corpo não nos é transcendente, nós somos nosso corpo, ele é, para o eu que vive nele enquanto corpo vivo, totalmente subjetivo, uma subjetividade absoluta. Ou seja, o corpo se dá a nós e, de maneira similar, nos damos ao nosso corpo – essa é a distância total que separa Henry de Descartes: a compreensão de corpo enquanto corpo vivo, isto é, subjetivo.

Outro afastamento, para avançarmos com a compreensão de corporeidade, é a definição de corpo através das ciências. Dentre elas, a Biologia ganha seu destaque como porta voz. Em suas definições iniciadas a partir do pressuposto de que não temos conhecimento do nosso corpo, o qual se evidencia através de nossa experiência, nunca nos foi necessário ler o mais atual artigo de biologia para entendermos as funções básicas de nosso corpo, não nos é necessário um conhecimento exterior sobre o andar, o andar revela-se já no seu ato. Essas funções nos são um saber primordial, ou seja, não necessitamos de nenhuma ciência para explicá-las, nosso corpo é um corpo vivo e não poderia ser compreendido como uma realidade biológica.

Por último, para darmos prosseguimento na argumentação do sofrer, falta-nos comentar sobre o corpo, o corpo em si. Sobre isso, Henry (2012, p. 18) comenta que

Na verdade, nosso corpo não é primitivamente nem um corpo biológico, nem um corpo vivo, *nem um corpo humano*, ele pertence a uma região ontológica radicalmente diferente, que é a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da subjetividade absoluta [...] É tomar consciência das únicas condições que nos permitirão explicar a existência de um corpo situado seguramente no centro da realidade humana: *um corpo que é um Eu*.

Ou seja, só poderemos entender o corpo se e somente se este for compreendido em uma realidade ontológica diferente – a humana –, deixando de lado a doutrina cartesiana ou um analisar puramente analítico e, também, a realidade que as ciências objetivas nos impõem como guia para podermos compreender o real papel do corpo, ou seja, da corporeidade.

Interrogando-se à fenomenologia da vida, através de Michel Henry, partindo de seu texto “Sofrimento e Vida”, na obra “Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia”, a vida advém a si, no processo originário e absoluto pelo qual ela se revela, se dá a si (como o sofrer e entre outros sentimentos), prova-se a si mesma no que constitui a sua própria essência. Nesse sentido, Antúñez (2014, p. 36) comenta que

Visto que não falamos aqui da Vida, mas da vida real, fenomenologicamente efetiva, então a Ipseidade na qual esta vida real vem a si provando-se não é já o conceito de Ipseidade, é um Si real, fenomenologicamente no qual a vida, ao provar-se efetivamente, se revela, se faz vida.

Outro aspecto dos comentários de Henry sobre a vida é a análise do corpo. Corpo é subjetivo, a vida gera a *Ipseidade* que é dada provando-se e fruindo de si. O corpo relacionado com o Ego pode ser compreendido, a partir da sua estrutura, da qual falamos acima, através de Descartes como pura substância, um “puro pensar”, um pensar que é indisponível de movimento, movimento este só disponível e preso a uma máquina: o corpo. Já, ao comentar as teses de Biran, Henry (2012, p. 23) analisa sua problemática ao contrapor a teoria cartesiana do ego. Segundo ele “a reflexão é identificada com a fonte originária de toda evidência que é o **cogito tal como Biran o compreende**, isto é, não como ato reflexivo e intelectual, mas como ação, esforço, movimento”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Contudo, Biran e sua teoria do mover, do agir como base ontológica, não entra em contrassenso com o cartesianismo. Ambas teorias, destaca Henry ao analisá-las, do puro pensar e do movimento, são complementares, ambas possuem uma estrutura ontológica similar, a pura imanência da subjetividade. Assim, a partir dessa reflexão, em que temos ego (através de Biran) como movimento, ao comparar com nossa realidade atual de isolar-se, podemos questionar-nos: se meu corpo é condicionado ao movimento, quais consequências o isolamento causa? Seria este um sofrer perante o “não-movimento”?

Para tentar responder tal questionamento, teremos que novamente nos debruçar sobre a fenomenologia da vida de Michel Henry. Isso é necessário porque Henry ao falar sobre a vida e o sofrimento, o puro sofrer, o sofrer-se de si, se depara com uma dificuldade: “a pluralidade de tonalidades pelas quais passa a nossa existência e que constituem a sua trama”. Então, aquele que perpassa observa que todas as modalidades da vida ou da nossa existência se repartem em consoante clivagem de uma dicotomia de modalidades vividas positivas e de modalidades vividas negativas. Existência essa que, segundo ele, “parece presa num devir afetivo que de modo algum é indeterminado, oscilando sem cessar entre mal-estar e satisfação, sofrimento e alegria” (ANTÚNEZ, 2014, p. 34).

Portanto, com o isolamento, perante o não-movimento, a existência de cada ego parece não oscilar sem cessar entre sofrimento e alegria. Uma das consequências, ou a consequência do isolamento, seria ficar preso nesta modalidade negativa da vida como o mal-estar e o sofrimento. Partindo do cenário pandêmico da Covid-19, cada ego, com seu corpo, tem de suportar o sofrimento enquanto tal, numa passividade radical de impotência, sem a capacidade de mudar. Assim, o impacto que causa cada ego perdido ao outro pode vir a ser, do mesmo modo, um sofrer por aquele que sofreu, pois todo sofrimento particular advém do sofrer puro, do sofrimento originário, dos demais sofrimentos que acontecem na existência de cada ego, os quais são previsíveis, imprevisíveis ou até mesmo incompreensíveis. Logo, essas vivências ou modalidades de sofrimento são todas declinações do sofrer primitivo com um *a priori* no invisível da vida. Temos, a exemplo, inúmeras vivências que experimentam diariamente esta



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

condição descrita, inúmeros egos estão acamados, rodeados de outros egos com o mesmo sofrer, mas isolados de seus entes queridos, um isolar-se de pessoas queridas e um aproximar-se do sofrimento do outro: o outro acamado ao seu lado. Desse modo, ao ver os egos ceifados pela Covid-19, toda a dor e todo o sofrimento que estes passaram, percebe-se que é através do sofrer primitivo que o outro reconhece o sofrimento que outros egos passaram. Logo, essa é a passividade radical do *pathos*.

### Considerações finais

Ao longo de nosso artigo evidenciamos os vários sentidos e modos que o sofrer apresenta-se a nós, enquanto sofrer-se de si. Ou seja, este é um sentir íntimo a nós e está presente em momentos essenciais, momentos esses que, ao realizar a redução fenomenológica, apresentam a nós alguma problemática real ou imaginária. Nessa perspectiva, analisamos o impacto deste saber, isto é, do sofrer como inerente ao humano ou, nas palavras de Henry, ao ego dotado de subjetividade absoluta, na problemática causada à humanidade como um todo: a crise sanitária da Covid-19 e as mais de quinhentas mil vidas ceifadas por esse vírus com uma nova variante em território brasileiro. Ainda, tendo em vista tal crise e também o entendimento do sofrer como presente ao ego, questionamos o papel do sofrer nesta decorrência inesperada; Com isso, questionamos se poderíamos, de alguma forma, aliviar a dor do enfermo que sofre em consequência da crise; se há um remédio, como Kierkegaard descreve sendo a morte em face ao desespero, seu uso é aceitável; e como tratar, de maneira respeitosa e com dignidade, o ser que está a sofrer.

Sabemos que essas questões são de abordagem extremamente complicada e delicada, não almejamos dar a resposta definitiva, nem chegaríamos perto deste empreendimento se fosse possível. Nosso foco, através de outra via, foi discutir as problemáticas dessas questões, suas consequências e a análise teórica do sofrer, a qual pode, de alguma forma, auxiliar futuros estudos que busquem respostas diante dessas questões.

Também foi-nos presente o papel que a filosofia pode desempenhar em assuntos atuais. Além disso, esperamos que tal artigo seja uma das inúmeras demonstrações

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contemporâneas de que a filosofia é necessária e de relevância para discutir temas atuais. Como demonstramos anteriormente, sem a filosofia e a sua abordagem questionadora por natureza, assuntos e metodologias que visam analisar diferentes problemáticas podem ficar em uma abordagem de si para si, ou seja, em uma abordagem individualista e infértil para discussões. Assim, através da abordagem fenomenológica, temos um modo inaugurado primeiramente por Husserl (2019), que até os dias atuais nos é válido para compreender, de maneira única, através do caminho fenomenológico, o humano, aquele que é dotado de inúmeras sensações, dentre elas a que nos propusemos discutir: o sofrimento. Portanto, ressaltamos que a fenomenologia não está esgotada, mas sim desenvolvendo-se, visto que ainda existem poucos textos e problemáticas que usem de seu método. Logo, nosso artigo fez-se base de tal método e, a partir dele, almejamos evidenciar a defesa da fenomenologia enquanto via rigorosa de uma abordagem filosófica.

### Referências Bibliográficas

ANTÚNEZ, A. E. A. et al. **Fenomenologia da Vida de Michel Henry**: interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta, 2014.

DESCARTES, R. **Meditações cartesianas**. Tradução J. Guinsburg & B. P. Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HENRY, M. **Filosofia e fenomenologia do corpo**: ensaio sobre a ontologia Biraniana. São Paulo: É Realizações, 2012.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas**: uma introdução à fenomenologia. São Paulo: Edipro, 2019.

KIERKEGAARD, S. A. **O desespero Humano (Doença até a morte)**. In: Os pensadores. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Recebido em: 06/04/2021

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 22/07/2021